

Projeto “Memória e História do Centro Universitário Feevale/Aspeur”: primeiros passos na construção de uma identidade institucional de organização e catalogação

Gisele Becker*

Rodrigo Perla Martins**

*Mestre em História do Brasil e docente do Centro Universitário FEEVALE. Professora-pesquisadora do projeto. E-mail: gisele@via-rs.net.

**Mestre em Ciência Política e docente do Centro Universitário FEEVALE. Professor-pesquisador do projeto. E-mail: rodrigomartins@feevale.br

RESUMO

O interesse dos dirigentes do Centro Universitário Feevale, na tentativa de preservar os documentos jornalísticos referentes a passagens da Instituição, o qual desde sua fundação, no ano de 1970, estão sendo coletados por alunos do curso de Relações Públicas; somado às aspirações dos professores e alunos do curso de História, que através destes documentos – além de preservá-los, terão a possibilidade de remontar parte da história dos alicerces que estruturaram o que hoje conhecemos como Centro Universitário Feevale –, deram a partida para este projeto. O projeto Memória Institucional surgiu a partir deste interesse e teve início em fevereiro de 2003, com os objetivos de identificar, organizar, catalogar e preservar o material que se encontrava em pastas-arquivo, guardadas em uma sala específica do Campus II, conhecida como arquivo-morto. O material em geral foi encontrado sem maiores cuidados quanto à sua conservação e estava junto a outros documentos da Instituição. O material é composto de *clipagens* de matérias da imprensa local, relacionadas à história do Centro Universitário Feevale, bem como à educação. A continuidade do mesmo dar-se-á a partir do momento em que for preciso identificar a importância do acervo para a preservação da memória e da história do Centro Universitário Feevale, ao analisar a sua inserção e importância junto à comunidade e ao possibilitar, de maneira informatizada, o acesso da mesma, possibilitando encontrar neste material outras fontes de pesquisa.

Palavras-chave: Acervo; Arquivo; Memória; História; Instituição; Imprensa Feevale; ASPEUR.

O significado e o sentido primordial de museus e arquivos estiveram, durante muito tempo, relacionados a uma idéia de depósito ou de exibição, com o caráter de um acervo quase sacralizado. O senso comum também nos remete à concepção destes como espaços destinados a uma reunião de objetos e documentos, buscando-se conservar, no presente, uma tradição passada. Existe portanto, em sua gênese, um princípio de continuidade de um passado glorioso. O século XX trouxe mudanças neste sentido, entendendo acervos e arquivos como instrumentos de educação. Passamos a assistir a uma expansão destes espaços sob uma nova tendência, que busca tratar livros e documentos como meios de comunicação.

E foi nesta perspectiva que teve início, em fevereiro de 2003, o Projeto Memória e História do Centro Universitário Feevale/ASPEUR¹. A partir da necessidade de preservação do material coletado por meio de *clipagem*² jornalística, representando a repercussão do Centro Universitário Feevale na imprensa local, a partir de 1973, busca-se transcender a noção dos arquivos como meros depósitos: a biblioteca e os arquivos não serão “museus” de livros e documentos, onde seriam apenas guardados para a eternidade; devem ser mais ágeis e comunicativos; ter uma relevância social. Isso pode ser conseguido através de uma polí-

¹ A partir de uma demanda do gabinete da Reitoria da Feevale, pela preservação da documentação jornalística, construiu-se esse projeto de pesquisa. Cabe ressaltar aqui o interesse da Professora Luci Briedi pelo acervo e pelo projeto. Também a coordenadora dos cursos de História e Ciências Sociais da Feevale, Inês Caroline Reichert e das bolsistas Marília e Luciana.

² Definir o termo.

tica de acervo com fácil acesso e um tratamento comunicacional do problema.

Ao longo dos anos, o Centro Universitário Feevale armazenou uma coletânea de matérias e reportagens de jornal em pastas-arquivo, que até então se encontravam guardadas em uma sala específica, no 3º andar do prédio amarelo, situado no Campus II, (conhecida como arquivo-morto), em condições inadequadas de conservação. O interesse pelo material, que é constituído por clippagem de matérias e reportagens de jornais locais (NH, Zero Hora, Correio do Povo, entre outros), referentes à História do Centro Universitário Feevale e questões relacionadas à Educação no Brasil entre os anos 1973 e 1994, até então de difícil acesso ao público, se dá tanto no sentido do resgate da Memória e da História da Instituição, quanto no entendimento deste acervo como patrimônio da Instituição³. Após uma identificação e separação do material, iniciou-se a segunda etapa do trabalho: a limpeza e a organização cronológica dos documentos. Após este primeiro contato com os materiais, optou-se por retirá-los das pastas-arquivo onde se encontravam, deixando as matérias e reportagens nas folhas padrão em que estavam coladas, para que fossem armazenados em caixas-arquivo de políondra e classificados em ordem cronológica.

Percebemos, atualmente, que o acervo que compõe o museu ou arquivo, seja ele aberto ou fechado, bem como monumentos e prédios públicos, compõem um patrimônio da humanidade que, conseqüentemente, se constitui em sua representação⁴. Ou seja, o patrimônio envolve a representação da sociedade em que foi produzido (de ações, mentalidades, formas de vida, convívio, de produção de conhecimento, entre tantas outras faces da trajetória humana), à medida que vai surgindo como um espaço de construção de identidades. O patrimônio passa a ser composto pelas diferentes maneiras de expressão material e

espiritual que constituem uma comunidade. Ele é visto como algo de maior amplitude, como a memória escrita e coletiva. Neste sentido, encontramos a relação entre patrimônio e representação. Em museus e acervos, os diversos grupos sociais devem se fazer representar.

Neste sentido, a Mesa-redonda de Santiago do Chile de 1972, buscando resoluções acerca da mutação das instituições museológicas na América Latina, estabeleceu recomendações a UNESCO, buscando uma maior amplitude da ação destes espaços na comunidade, através da idéia do “museu integral”, que estaria “destinado a proporcionar à comunidade uma visão de conjunto de seu meio material e cultural.”⁵ Torna-se assim, fundamental, que museologia e as atuais noções de arquivística, no campo da História, possam proporcionar aquilo que o público almeja e que possibilite a identificação dos indivíduos frente à sua própria cultura, enterrando, definitivamente, a idéia de museu como local de velharias, e a imagem do público como mero observador. O museu, o arquivo ou a biblioteca são objetos sociais (servem aos interesses da comunidade), razão pela qual eles têm um caráter comunicacional e não são apenas objetos físicos. Têm natureza simbólica, fundamentalmente.

A partir destes princípios, o projeto Memória e História do Centro Universitário Feevale / ASPEUR busca não apenas organizar e catalogar o material existente, mas também disponibilizar o acervo ao público. Em um primeiro momento, em que tanto o acervo fotográfico como o documental ainda não estão digitalizados, o contato maior se dá através do público universitário. As novas diretrizes acadêmicas prevêm que o curso de graduação em História, da Instituição, privilegie as práticas pedagógicas na formação do aluno e na constituição do desejável perfil do egresso. O projeto, neste sentido, constitui-se como espaço para formação do acadêmico, em uma produtiva relação

³ “...constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nas quais se incluem: I: as formas de expressão II: os modos de criar, fazer e viver III: as criações científicas, artísticas e tecnológicas IV: as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais V: os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.” (CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Título VIII, Capítulo III, Seção II, artigo 216. Brasília, 05 de outubro de 1988.)

⁴ Roger Chartier, abordando a História das Mentalidades (que concilia novos domínios de investigação com a fidelidade aos postulados da história social. Desta forma, aborda as atitudes perante a vida e a morte, as crenças e os comportamentos religiosos, os sistemas de parentesco e as relações familiares, os rituais, as formas de sociabilidade, entre outros objetos, para reconstruir a história de uma dada sociedade, utilizando-se inclusive de elementos de disciplinas vizinhas. Segundo Jacques Le Goff, “o nível da história das mentalidades é o do cotidiano e do automático, é aquilo que escapa aos sujeitos individuais da história porque revelador do conteúdo impessoal do seu pensamento.” (LE GOFF, Jacques. Apud. CHARTIER, Roger. A história cultural entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.), utiliza a noção de “representação coletiva”, sendo que a idéia de representação de algo, de uma idéia, de um pensamento, de aspectos da mentalidade de uma época, interessam ao historiador. Segundo Chartier, “... pode-se pensar uma história cultural do social, que tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos – ou, por outras palavras, das representações do mundo social – que, à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse.” (CHARTIER, Roger. Op. Cit)

⁵Mesa-redonda de Santiago do Chile, ICOM, 1972.

entre ensino e pesquisa, fundamental no perfil do professor.

Em uma etapa posterior, iniciada em fevereiro de 2004, será dada continuidade a estas pretensões, agora com maior extensão, através da digitalização da documentação a partir da higienização e organização do acervo no decorrer do ano de 2003. A partir do momento em que esta etapa estiver concluída, o contato do acervo com a comunidade será ainda maior. Cabe lembrar que a formatação do acervo em mídias digitais também atende às novas necessidades de um mundo globalizado, onde o apelo da imagem e da tecnologia são enormes. Como meio de comunicação, afinal, o acervo deve se aproximar do público e ser conhecido por ele. A instituição funciona de acordo com a sociedade que o circunda.

É importante ressaltar também que, neste contexto, a desvalorização de saberes locais e do passado coletivo tem imposto profundas transformações nos processos identitários das comunidades. A perda de valores comunitários e da identidade local, com graves conseqüências, é sentida pelas comunidades como perda de raízes, onde tudo parece disperso. Em nossa mobilidade há uma redefinição cultural e perda de tradições e futuros coletivos. O desenraizamento e perda de identidade constituem-se, atualmente, em alguns dos graves problemas a serem enfrentados pela sociedade civil e pelos poderes constituídos. A partir deste cenário, torna-se relevante o trabalho com Identidade Institucional, buscando o resgate de sua história e memória. Então, a continuidade desse projeto de pesquisa, a partir desta ótica, se insere no princípio institucional no que se refere ao seu caráter comunitário, a partir do qual o Centro Universitário Feevale tem a proposta de ser uma Instituição integrada à sua região, contribuindo para o seu desenvolvimento.

Além da digitalização do acervo, visando a um maior contato deste com o público, a etapa imediata é a identificação de temáticas de trabalho recorrentes, através da análise do material jornalístico, por meio de uma ótica da relação História / Imprensa⁶, relacio-

nadas à história da ASPEUR e do Centro Universitário Feevale. As temáticas, inicialmente identificadas, referem-se à construção do patrimônio físico e intelectual do Centro Universitário, tais como construção do Campus II, do desenvolvimento de seus cursos de graduação, da promoção de atividades e eventos junto à comunidade e do envolvimento com questões relacionadas à Educação brasileira.

Assim, a etapa inicial da pesquisa pretende promover o resgate da memória e da História do Centro Universitário Feevale, a partir do registro realizado na imprensa local, ao longo de sua trajetória. A importância deste enfoque reside no resgate de diferentes aspectos de sua história. Tal investimento é importante porque ajuda na construção da identidade que se deseja para o futuro. É portanto, objetivo imediato, a preocupação em evitar que a memória da Instituição se apague perante a renovação dos quadros profissionais e acadêmicos, em um trabalho que conjugue a preservação de um acervo e a investigação histórica a partir deste.

Torna-se relevante, neste momento, o trabalho com Identidade Institucional. Através dele, será possível compreender como a imprensa participou da construção desta identidade, ao longo da História do Centro Universitário Feevale, uma vez que ela se constitui num dos principais meios de comunicação, da Instituição com sua comunidade. Dessa forma, sua percepção se torna relevante, uma vez que reflete a imagem que a comunidade tem da Instituição na qual está inserida. Portanto, o projeto de pesquisa, a partir desta ótica, também está relacionado aos demais projetos que abordam a questão da Identidade a partir de espaços educativos. Nesta perspectiva, a imprensa também pode ser considerada como um destes espaços.

Para o Centro Universitário Feevale, a investigação de processos históricos de construção de sua identidade assume relevância e prioridade, na medida em que não é possível desconsiderar o passado, a memória, as experiências e sua própria História, quan-

⁶ De acordo com Maria Helena Capelato, "A Imprensa, ao invés de espelho da realidade passou a ser concebida como espaço de representação do real, ou melhor, de momentos particulares da realidade. Sua existência é fruto de determinadas práticas sociais de uma época. A produção desse documento pressupõe um ato de poder no qual estão implícitas relações a serem desvendadas. A imprensa age no presente e também no futuro, pois seus produtores engendram imagens da sociedade que serão reproduzidas em outras épocas." (CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto / Edusp, 1988.) Para Márcia Janete Espig, "O jornal possui toda uma série de qualidades peculiares, extremamente úteis para a pesquisa histórica. Uma delas é a periodicidade; os jornais constituem-se em verdadeiros "arquivos do cotidiano", nos quais podemos acompanhar a memória do dia a dia e estabelecer a cronologia dos fatos históricos. Outra é a disposição espacial da informação, que nos permite a inserção do acontecimento histórico dentro de um contexto mais amplo. E outro aspecto singular do material jornalístico é o tipo de censura sofrida, pois a imprensa recebe apenas a censura instantânea e imediata, diferentemente de outras fontes que poderão ser submetidas a uma triagem antes de serem arquivadas. Um dos mais frequentes problemas no tratamento dado aos jornais pelos historiadores, porém, é a ausência de uma crítica interna ao conteúdo jornalístico, e sua utilização como se este fosse uma fonte precisa, no qual a informação é válida por si mesma." (ESPIG, Márcia Janete. *O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado*. Estudos Ibero-Americanos, Porto Alegre, PUCRS, v. XXIV, nº 2, p.269-289, dezembro de 1998.)

do se projeta a futura Universidade. Entende-se que não existe presente ou futuro sem a dimensão histórica de sua própria existência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivística: objetos, princípios e rumos**. São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo, 2002.
- BURKE, Peter. (org.) **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto / Edusp, 1988
- CAPELATO, Maria Helena & PRADO, Maria Lígia. **O Bravo Matutino: imprensa e ideologia no jornal "O Estado de S. Paulo"**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1980.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. **Uma introdução à História**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense / Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger. Textos, impressões, leituras. In: HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- ESPIG, Márcia Janete. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, PUCRS, v. XXIV, nº 2, p.269-289, dezembro de 1998
- FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à Biblioteconomia**. São Paulo: Pioneira, 1992.
- LOPES, Luis Carlos. **A informação e os arquivos: teorias e práticas**. Niterói: UFSCar / EDUFF, 1996.
- MACHADO, Helena Corrêa & CAMARGO, Ana Maria de Almeida. **Como implantar arquivos públicos municipais**. São Paulo: Arquivo do estado / Imprensa Oficial, 2000, 2ed. (Como Fazer; 3)
- ROUSSEAU, Jean – Yves & COUTURE, Carol. **Os fundamentos da disciplina arquivística**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.
- SILVA, Zélia Lopes da. **Arquivos, Patrimônio e Memória: trajetórias e perspectivas**. São Paulo: Unesp / Fapesp, 1999.
- Contracampo: Revista do Mestrado em Comunicação, Imagem e Informação**. Niterói: Instituto de Arte e Comunicação Social, 1998, v.2, 26p, 1º semestre de 1998.
- CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**. Título VIII, Capítulo III, Seção II, artigo 216. Brasília, 05 de outubro de 1988.)
- Mesa-redonda de Santiago do Chile**, ICOM, 1972.